

## **A GUERRILHA BRASILEIRA EM FOCO: OS FILMES *LAMARCA* (1994) E *O QUE É ISSO COMPANHEIRO?* (1997)**

Marco Alexandre de Aguiar <sup>1</sup>

### **Resumo**

Desde os seus primórdios o cinema se apresentou como um importante divulgador de visões de mundo. Para os historiadores tornou-se um elemento na divulgação da memória. Nesta perspectiva, realizamos uma análise fílmica de *Lamarca* (1994) e *O que é isso companheiro?* (1997) procurando refletir sobre as opções realizadas pelos diretores Sérgio Rezende e Bruno Barreto em relação ao tema. Essa análise nos ajuda a enxergar em que sentido esses filmes inserem-se na disputa pela memória, sobre o período ditatorial brasileiro que se inicia nos anos 1960, notadamente o confronto entre as forças armadas e os focos de guerrilha dos anos 60 e 70 do século passado.

**Palavras-Chave:** Cinema; Ditadura Militar; Guerrilha; Memória.

### **Introdução**

A sociedade contemporânea, cada vez mais, leva em conta a influência dos meios de comunicação de massas. Dentre eles temos o cinema, que surgiu na França em 1895 e já passou pelo seu período áureo. Entretanto, ele continua tendo importância nas salas de projeção, nas locadoras, cinematecas, escolas e na relação entre cinema e televisão. Nem por isso, este tipo de material foi considerado relevante, muito embora os filmes de reconstituição histórica — documentários ou ficcionais — sejam elementos de divulgação do conhecimento histórico e produzam uma memória sobre determinadas conjunturas.

Desde os primórdios do cinema houve uma preocupação com o caráter ideológico e político da nova invenção. Foram vários os líderes políticos que se preocuparam com o cinema como propaganda política. Desde Lênin, passando por Hitler, Roosevelt e Getúlio Vargas, todos se interessaram pelo potencial da sétima arte.

Os filmes analisados neste artigo inserem-se na chamada “retomada do cinema brasileiro”, tal qual aparece no livro *O Cinema da retomada*, de Lúcia Nagib (NAGIB, 2002). O termo “retomada do cinema brasileiro”, denominação que se refere a uma intensidade maior na produção dos filmes nacionais no período pós-Collor, e que abarca os dois filmes

---

<sup>1</sup> Doutor em História e Sociedade (Unesp de Assis). Docente da Unifac Associação de Ensino de Botucatu.

escolhidos para esse artigo, *Lamarca*<sup>2</sup> e *O que é isso companheiro?*<sup>3</sup>, é questionado por muitas pessoas do meio cinematográfico.

Os filmes possuem grande influência na acirrada disputa pela memória. Michael Pollak, no seu artigo *Memória, Esquecimento, Silêncio* (POLLAK, 1989) aborda como há materiais que atuam como elementos de enquadramento, como monumentos (as pirâmides ou as catedrais medievais), museus, bibliotecas. Dentro dessa linha de raciocínio, Michael Pollak aponta o cinema como importante meio de divulgação da memória. Vejamos como este autor trabalhou essa questão, ao constatar que as pessoas que estavam na França no dia D (06/07,1944) não se lembram especificamente deste dia, mas sim dos rancos dos aviões, explosões, gritos de terror, choros das crianças, cheiros do enxofre:

Ainda que seja tecnicamente difícil ou impossível captar todas essas lembranças em objetos de memória confeccionados hoje, o filme é o melhor suporte para fazê-lo: donde seu papel crescente na formação e reorganização, e portanto no enquadramento da memória. Ele se dirige não apenas às capacidades cognitivas, mas capta as emoções. Basta pensar no impacto do filme Holocausto, que apesar de todas as suas fraquezas, permitiu captar a atenção e as emoções, suscitar questões e assim forçar uma melhor compreensão desse acontecimento trágico em programas de ensino e pesquisa e, indiretamente na memória coletiva. A obra monumental de Lanzmann, Shoah, sob todos os aspectos fora de comparação com o filme de grande público Holocausto, quer impedir o esquecimento pelo testemunho do insustentável. (POLLAK, p. 11, 1989)

Sendo assim, estudaremos os filmes *Lamarca* e *O que é isso companheiro?* que enfocam um mesmo tema, ou seja, a atuação dos grupos guerrilheiros na época da Ditadura Militar e que, além disso, foram produzidos em épocas próximas: *Lamarca*, de 1994 e *O que é isso companheiro?*, de 1997. Neste sentido nos preocupamos com dois momentos históricos: de 1969 a 1971, quando se intensificou a atuação dos grupos guerrilheiros representados nos filmes, e a década de 1990, momento em que os filmes foram realizados.

---

<sup>2</sup> *Lamarca*. Direção: Sérgio Rezende. 130 min. RJ, 1994. Sinopse: O filme focaliza o último ano da vida de Carlos Lamarca (1971), e através de flash-backs, mostra a sua história. Trata-se de uma interpretação da história verídica da vida do personagem. O capitão Carlos Lamarca, um dos melhores atirador do exército brasileiro, rebela-se contra os militares no poder e adere a guerrilha de esquerda. Transforma-se num revolucionário, que sonhava com um país livre de injustiças, opressões e misérias.

<sup>3</sup> *O que é isso companheiro?* Direção: Bruno Barreto. 105 min RJ, 1997. Sinopse: Trata-se da história do sequestro do embaixador dos Estados Unidos Charles Elbrik ocorrido em Setembro de 1969. O sequestro é realizado por um grupo de jovens, pertencentes ao Movimento Revolucionário 8 de outubro (MR-8) que se une a outro grupo guerrilheiro Aliança Libertadora Nacional (ALN). Os guerrilheiros condicionam a soltura do embaixador, a leitura de um manifesto nos principais meios de comunicação no horário nobre e a libertação de quinze companheiros presos.

Ao trabalhar com o cinema, o historiador deve realizar uma problematização dos filmes escolhidos por ele. Assim, se faz necessário observar a trajetória dos diretores em questão, fazer a decupagem realizando uma transcrição das sequências do filme, analisando as opções realizadas na fotografia, trilha sonora, roteiro, figurino e posicionamento da câmera. Eduardo Victorio Morettin, no artigo *O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro* (MORETTIN, 2003) enfatiza o caráter polissêmico de um filme e realça a importância de uma análise interna da obra.

Dentro dessa perspectiva, apresentaremos algumas características do diretor carioca Sérgio Rezende. Este conheceu sua mulher, Mariza Leão, no meio cinematográfico. Ele considera que formam uma dupla complementar na produção dos filmes. Mariza se preocupa com a questão dos custos e do mercado, e Sérgio Rezende com o filme. (NAGIB, 2002) Observando a sua longa filmografia, percebemos uma predileção por temas históricos e políticos: *O homem da capa preta* (1986), *Lamarca* (1994), *Guerra de Canudos* (1997), *Mauá, o imperador e o rei* (1999), *Zuzu Angel* (2006).

Bruno Barreto (diretor de *O que é isso companheiro?*), assim como Sérgio Rezende, possui uma longa trajetória na história do cinema brasileiro. Bruno Barreto começou muito jovem e em família. O seu pai, Luis Carlos Barreto, teve expressiva atuação na produção dos filmes do Cinema Novo e depois continuou a sua carreira como produtor de muitos filmes.

No depoimento de Bruno Barreto percebemos que este teve um posicionamento privatizante em relação ao cinema, mas depois mudou de visão, argumentando que, com exceção dos Estados Unidos, país em que Bruno morou por muitos anos, o cinema constituiu-se em uma atividade subsidiada. O posicionamento político de Bruno Barreto, que logicamente acabou repercutindo no filme *O que é isso companheiro?*, considera o engajamento partidário ou ideológico um estorvo para a atividade criativa. (NAGIB, 2002)

### **Análise do filme *Lamarca*.**

Em relação ao filme *Lamarca*, Sérgio Rezende afirma que optou por um “início didático”, que apresentasse a figura de Carlos Lamarca ao grande público, por que este não conhecia a sua trajetória. Dessa maneira, na primeira unidade narrativa temos militares reunidos numa sala, com projeções de fotos que mostram a trajetória de Carlos Lamarca. Os militares estão tensos discutindo sobre o que fazer em relação ao sequestro do embaixador suíço.

Em uma cena em que os personagens Lamarca e Clara (esta representa Iara Javelberg, guerrilheira e amante de Carlos Lamarca) estão dentro de um ônibus, ocorre o seguinte: No fundo do ônibus um rapaz cabeludo e estudante de sociologia. Um militar diz: “Vai descendo. Vai descendo”. Rapaz responde: “o quê? O que foi que eu fiz?” Esta cena mostra o autoritarismo dos militares, ao levar um estudante sem nenhum motivo aparente. Assim podemos constatar o moralismo dos militares, ao procurar reprimir todos aqueles que não se comportavam de um modo considerado adequado.

O historiador Carlos Fico, no artigo *Espionagem polícia, política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão* (FICO, 2003) analisa várias questões referentes ao período da ditadura militar. Começa o artigo enfatizando que a tortura existiu desde o início do governo dos militares. Os diversos órgãos da repressão são estudados, ficando claro que alguns faziam o trabalho investigativo e de espionagem e outros realizavam o “trabalho sujo”, ou seja, o de tortura. No momento do filme em que os personagens Lamarca e Clara estão partindo para Salvador, temos no campo de profundidade <sup>4</sup> um outdoor com a frase *Brasil ame-o ou deixe-o*.

No artigo citado acima, Carlos Fico aborda a nomeação dos coronéis Otávio Costa e Toledo Camargo para chefiarem a Aerp (Assessoria Especial de Relações Públicas), órgão responsável para a propaganda política do governo do general Emílio Garrastazu Médici. Os dois coronéis realizaram uma campanha em que procuravam enaltecer a nacionalidade com imagens positivas, falando sobre a “coesão familiar, a dedicação ao trabalho, a confiança no governo”. Além disso, queriam “contribuir para a afirmação democrática”, evidenciando uma característica da ditadura brasileira de tentar manter uma fachada democrática. Entretanto, essa atuação sofreu divergências de setores militares que desejavam uma propaganda mais contundente e que demonstrasse força. Carlos Fico citou exemplos desse caso: “autocríticas de ex-terroristas”, e o slogan “Brasil: ame-o ou deixe-o”. (FICO, p. 198, 2003)

Na sequência do filme, Lamarca assume a direção do veículo com Clara ao seu lado. Um caminhão com “bóia-fria” na frente deles. Câmera subjetiva (quando a câmera assume o ponto de vista de um dos personagens) da Kombi para caminhão e Lamarca afirma: “país de escravos. Aqui ainda não chegou o milagre brasileiro (música árabe – tristeza). Clara: único milagre possível é fazer a revolução”. Essa cena demonstra que um filme com temática histórica possui muita relação com o momento em que ele é produzido. Assim essa visão

---

<sup>4</sup> Campo de Profundidade. Efeito produzido pelo uso da contra-luz, que cria uma zona de sombra atrás do objeto iluminado, destacando-se do fundo do cenário.

crítica do milagre econômico possui mais relação com 1994, momento em que o filme é lançado, do que 1969, período retratado no filme.

Na cena de captura de Clara, temos o suicídio desta. Essa versão do suicídio apareceu no livro *Lamarca: o capitão da guerrilha*, de José Emiliano e Oldack Miranda, que possui um perfil de esquerda. Essa visão utilizada pelo diretor Sérgio Rezende foi contestada pela família de Iara Iavelberg, segundo a qual, a guerrilheira foi metralhada. Na religião judaica, o suicídio é encarado como algo extremamente negativo e, no enterro dos suicidas, eles são colocados em lugares periféricos do cemitério. Em 2003, depois de anos de processo, a família conseguiu fazer a exumação do corpo. O resultado do laudo ocorreu em 2005 e afirmou que provavelmente não foi suicídio. Em junho de 2006 a família conseguiu um “novo enterro”, e os restos mortais de Iara Iavelberg saíram da área periférica do cemitério e foram transferidos para um “local normal”. Depois de décadas de luta, a família conseguiu o seu desejo (PRADO, 2004).

Outra fonte que podemos mencionar em relação à morte de Iara Iavelberg é o livro *Memória e Sociedade*, de Ecléa Bossi, onde, ao discutir o funcionamento da memória, a autora enfoca a importância de outras pessoas no ato de lembrar. Referindo-se a sua amiga Iara, Ecléa Bossi questiona: “Encontrarei uma linguagem que comova as pessoas de hoje, para as quais seu nome pouco significa?” (BOSI, 1994) Podemos pensar no cinema como uma das formas possíveis de uma linguagem que traga sentido à figura de Iara Iavelberg.

Ao refletir sobre a estrutura do filme *Lamarca*, constatamos que ela se constituiu na criação de um herói e mártir, no sentido de que o protagonista lutou e morreu por uma causa, tal qual outros heróis, como Tiradentes e Frei Caneca.

### **Análise de *O que é isso companheiro?***

O filme *O que é isso companheiro?* começa com um texto informativo, dizendo que este se baseia em um fato verídico, mas que não se limitou a retratar a “estrita realidade dos fatos”. Implicitamente essa perspectiva propõe que isso seria possível de se fazer caso alguém desejasse. As primeiras imagens são de fotos em preto e branco projetadas rapidamente. É mostrado inicialmente a praia lotada, um bonde, Garrincha fumando, a torcida no estádio do Maracanã. A música inicial *Garota de Ipanema*, de Tom Jobim e Vinicius de Moraes, objetivou dar um tom de requinte às imagens exibidas, já que se trata de um ícone extremamente reconhecido de um “gosto refinado”.

Na época do lançamento do filme *O que é isso companheiro?* houve uma forte reação da esquerda. As críticas foram no sentido de que houve uma “absolvição” da ditadura. Na ótica de Ismail Xavier, este protesto aconteceu devido ao fato de que tradicionalmente o cinema brasileiro possui um “perfil contestador e questionador”. Xavier considera que se fosse uma novela ou minissérie, não haveria grandes objeções, já que nesse caso não haveria a tradição que o cinema possui. (XAVIER, 1997)

A caracterização do personagem Jonas produziu muita celeuma entre alguns participantes do sequestro. Uma questão que provocou muita irritação trata-se da cena em que o personagem Jonas ameaça de morte aqueles que não seguissem a sua ordem. Acreditamos que a caracterização do personagem Jonas em *O que é isso companheiro?* realmente foi exagerada já que, durante todo o filme, ele se apresenta de forma rude e antipática, entretanto queremos lembrar que a ameaça de morte para os “guerrilheiros indisciplinados” fazia parte do horizonte da luta armada.

Retornando a análise do filme, com a aproximação do prazo dado pelos guerrilheiros, a marcação do tempo passa ser por hora. Na casa de plantão dos militares, os dois torturadores estão conversando. Um deles fala a respeito de um militar que se apaixonou pela torturada e casou com ela. O militar/torturador afirma que “Peçanha pegou gosto pelo ofício da tortura. Acabou encontrando prazer que nunca teve no trabalho burocrático”. No prefácio do livro *Brasil Nunca Mais*, escrito por Dom Paulo Evaristo Arns, este aborda a degradação moral que ocorre com o torturador: “Quem repete a tortura quatro ou cinco vezes se bestializa, sente prazer físico e psíquico que é capaz de torturar até as pessoas mais delicadas da própria família!” (ARNS, p. 13, 2001).

A Baía da Guanabara é enquadrada, com a delimitação do tempo: “domingo, sete de setembro de 1969, Dia da Independência”. A música de fanfarra aumenta e o desfile de sete de setembro surge em preto e branco, com a exposição dos tanques e dos militares desfilando. Durante o regime dos militares, estes investiram muito na idéia de patriotismo, como, aliás, ocorre sempre em regimes autoritários. Nas escolas havia a necessidade de decorar o hino e andar com fitas verdes e amarelas e outras estratégias nacionalistas. Muitos na democracia sentem saudades deste período, argumentando o pouco caso dos nossos adolescentes para com os assuntos da nação. Essa visão de glorificação de heróis apresenta-se no mínimo problemática, mas consegue muita penetração.

Na sequência do filme *O que é isso companheiro?*, temos a libertação do embaixador. No livro *O Sequestro dia a dia*, há referência à questão de um dos seqüestradores, o Cláudio,

no momento de saída da casa, pedir veementemente a Fernando Gabeira para levar um paletó embora (BERQUÓ, 1997). Cláudio estava preocupado com a etiqueta do alfaiate que poderia dar pista à polícia. No entanto, Fernando Gabeira não teve esse cuidado e Cláudio é preso e torturado em função disto. No livro *O seqüestro dia a dia* percebemos uma “certa bronca” em relação a Fernando Gabeira por essa razão.

Essa animosidade em relação a Fernando Gabeira fica evidente na realização do documentário *Hércules 56*. O diretor Silvio Da-Rin, que no final dos anos sessenta possuía um posicionamento de esquerda, convidou para prestar depoimento no filme, alguns dos realizadores da ação e as pessoas que foram libertadas pelo seqüestro (dos quinze liberados, nove estão vivos). Portanto, temos no lado dos que executaram a ação nomes como Cláudio Torres, Franklin Martins, Daniel Aarão Reis Filho, Paulo de Tarso, e no grupo dos libertados estão, por exemplo, Maria Augusta Carneiro Ribeiro, José Dirceu, Flávio Tavares, Vladimir Palmeira, José Ibrahin. Fica evidente a ausência de Fernando Gabeira, que não foi convidado pelo diretor Silvio Da-Rin.

No final do filme *O que é isso companheiro?* a personagem Maria com imagem bem debilitada, chega numa cadeira de rodas ao aeroporto, causando um grande impacto ao espectador.

### **Considerações finais.**

O personagem Lamarca várias vezes discorda do posicionamento do comando da sua organização, ou seja, da VPR. Ele decidiu permanecer no Brasil, enquanto seus companheiros argumentavam a necessidade de sair do país. No momento em que estão se preparando para a viagem a Salvador, há um diálogo entre Lamarca, Clara e Fio. Este último afirma que, em relação à Clara, depois a organização decidiria o que fazer. Lamarca responde dizendo que ela iria junto e “não aceito nenhuma outra decisão”. No filme, quando existe a discussão se desmobilizam a área ou não, Lamarca diz a Fio que só sai com uma ordem expressa do comando nacional. Entretanto percebemos que essa fala ficou no vazio, predominando a vontade individual de Lamarca sobre a organização. Evidentemente que estamos falando da representação de Carlos Lamarca, um dos maiores líderes guerrilheiros do período, mas mesmo assim o predomínio de sua vontade talvez seja exagerado no filme. Nesse sentido podemos enfocar essa afirmação da vontade do personagem Lamarca como uma característica de um tipo de cinema produzido numa determinada época, onde há o predomínio de uma visão mais individual.

Precisamos reconhecer a qualidade técnica do filme de Bruno Barreto, que realizou uma produção bem elaborada. No entanto, estamos diante de uma temática claramente política, mas os personagens do filme apresentam-se mais entretidos em resolver as coisas mais imediatas, ocorrendo assim um esvaziamento das propostas dos anos 60 e início dos anos 70 do século passado. Nessa época, os confrontos armados entre as esquerdas e os militares no poder ocasionaram perdas humanas de ambos os lados. Porém, os militares ao fazerem prisioneiros esses militantes, deixam de lado às convenções humanitárias e recorrem à tortura e ao terror para impor derrotas a homens e mulheres já subjugados, conduta que não podemos deixar de condenar, pois expressa a intolerância, que deve ser combatida onde quer que ela esteja.

### **Referências**

- ARNS, Paulo Evaristo, *Brasil Nunca Mais*. 32 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- BERQUÓ, Alberto, *O seqüestro dia a dia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- BOSI, ECLÉA, Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- FICO, Carlos. Espionagem política, política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão. FERREIRA, Jorge, DELGADO, Neves Almeida, Lucilia (org.). *O Brasil Republicano. V. 4*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- JOSÉ, Emiliano, MIRANDA, Oldack. Lamarca, o capitão da guerrilha. São Paulo: Global, 1980.
- MORETTIN, Eduardo Victorio. O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. *História Questões & Debates*. Ano 20 – n. 38 – Janeiro a Junho de 2003.
- NAGIB, Lucia, *O cinema da retomada*. São Paulo: Ed. 34, 2002.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.
- PRADO Larissa Brisola Brito. *Estado democrático e políticas de reparação no Brasil: torturas, desaparecimentos e mortes no regime militar*. Campinas, 2004. Dissertação (Mestrado em Ciência Política). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas.
- RABAÇA, Carlos Alberto, BARBOSA, Gustavo Guimarães. *Dicionário de comunicação*. Rio de Janeiro: campus, 2001
- XAVIER, Ismail. A Ilusão do olhar Neutro e a banalização. *Revista Praga*. n. 3, setembro de 1997, Editora Hucitec.



**BRAZILIAN GUERRILLA IN FOCUS: THE FILMS “LAMARCA” (1994) AND “O QUE É ISSO COMPANHEIRO?” (1997)**

**Abstract**

Since its beginnings, movies are presented as an important disseminators of worldviews. For historians they became an element in the dissemination of memory. In this perspective, we conducted an analysis of *Lamarca* (1994) and *O que é isso companheiro?* (1997) seeking to reflect on the choices made by directors Sérgio Rezende and Bruno Barreto on the topic. This analysis helps us to see in what sense these films fall into the contest for memory on the Brazilian dictatorship period starting in the 1960s, especially the confrontation between the armed forces and Guerrilla warfare of the 60 and 70 century past.

**Key-Words:** Cinema; military dictatorship; Guerrilla; Memory.